

Entrevista com a atriz Etty Fraser

Poucas e Boas da Mari – <http://www.poucaseboasdamari.com>

Por Mari Valadares – MTB: 43155/SP

01. Etty, junto com o José Celso Martinez e com o Renato Borghi, você foi uma das fundadoras do Teatro Oficina. O que o Oficina representa para você?

Fundamos o Oficina com a peça “A Vida Impressa em Dólar” (1961). O Oficina representa muita coisa. Nossa Senhora! O Zé Celso para mim foi um dos maiores diretores que eu tive. Eu ganhei prêmios depois do Oficina também, mas os grandes prêmios eu recebi com o Zé. Ele era uma pessoa assim extraordinária. Eu estou falando era, porque falo da época em que trabalhamos juntos. Tenho uma admiração muito grande por ele.

02. Você participou de duas novelas que revolucionaram a televisão. A primeira foi “Ninguém crê em mim”, escrita por Lauro César Muniz, em 1966, pela TV Excelsior e a segunda “Beto Rockfeller”, uma criação de Cassiano Gabus Mendes, pela TV Tupi, em 1968. “Ninguém crê em mim”... porque ela inovou na linguagem com formas de expressão mais coloquiais e é considerada a precursora de uma mudança nas novelas que se daria mais tarde com “Beto Rockfeller”, que abandonou uma linha de atitudes dramáticas e artificiais de interpretação das novelas e adotou o tom coloquial dos diálogos, utilizando gírias e expressões do cotidiano, dando ao público fantasia com gosto de realidade (Wikipédia).

Eu estava dizendo outro dia para o Lauro que a última novela que eu vou fazer, porque eu não pretendo mais ir para o Rio, foi “Cidadão Brasileiro”. “Ninguém crê em mim” foi a primeira e essa foi a última (rs).

Não pretende mais fazer novela?

Não pretendo porque estão todos fazendo novela no Rio. A última que foi feita aqui (São Paulo) foi Cidadão.

Nos tempos atuais tem alguma novela que surpreendeu você de alguma forma?

Eu tenho uma grande admiração por muitas das novelas, principalmente Silvio de Abreu, adoro as novelas do Silvio, gosto demais. Aliás sou muito noveleira. Só para você ter uma idéia, no momento eu estou assistindo a novela das 6 (Eterna Magia), que é sobre a Irlanda, me interessa muito aquele negócio... as bruxas, aquilo é muito interessante. No dia que posso assistir, assisto a novela do Tony, eu chamo de a novela do Tony, amo o Tony, então gosto de ver as novelas que ele faz, nós somos muito amigos. Assisti às das 10 horas da noite, que é a da Record, que está excelente, muito boa.

A Rede Record começou a produzir novelas, antes monopólio da Rede Globo.

Acho muito bom. A Rede Globo quando tinha o monopólio contratava quem ela queria. Ela fez muita injustiça no decorrer da história com muito ator bom de teatro, porque não era lindo,

não era maravilhoso. A Record veio para lutar, né? E também do ponto de vista salarial, eu acho que ela aumentou bem os salários.

Hoje as novelas da Record têm uma boa qualidade, mas são imitações das novelas globais. Existe algum jeito de fazer programas, no caso novelas, diferentes das da Globo?

Eu acho muito difícil, porque o público acostumou desse jeito. “Aaah eu não vi a senhora na última novela”, “mas a senhora não estava na Globo”. É aquela coisa (rs).

03. Durante as pesquisas sobre sua carreira, achei uma revista “Caros Amigos”, de 1998, que tinha um texto do Plínio Marcos falando sobre um “lado oculto e charmoso” seu. Na época você participava da novela Torre de Babel, sua estréia na Rede Globo. Ele contou a história do campeonato de cuscuz, do programa “Almoço com as Estrelas”, da TV Tupi, no qual você foi jurada.

Isso ele contava sempre. (rs)

Você pode contar um pouquinho sobre esta história?

O campeonato era de cuscuz e a gente tinha que provar os pratos. Maria Della Costa provava um pedacinho bem pequenininho. O Carlos Galhardo comia um pedacinho pequenininho, mas eu provava pra valer (rs). No fim a gente não sabia qual era o cuscuz vencedor, acabamos dando o prêmio por aplauso. A pessoa ficou injuriada, porque a gente não fez direito (rs). Tinha uma outra história que ele contava, uma história muito engraçada, que o sonho da vida dele era ser figurinha difícil de álbum (rs). Quando nós fizemos Beto Rockefeller tinha um álbum de figurinhas que tinha duas ou três páginas com os atores. Ele dizia que entrou em uma rua e tinha chovido muito naquele dia, quando olhou no chão e viu um monte de “Plínio Marcos” jogado. Aí tinha dois meninos jogando abafa e o menino não acertava, não acertava e falou: “não sei por quê não estou acertando”. Aí o outro menino: “Claro, a Etty Fraser tá aí no meio, ela é muito pesada.” (rs)

Vocês eram muito amigos, né?

Muito, muito amigos. Aliás a Walderez (de Barros) é uma das minhas melhores amigas. Ontem mesmo eu fiz para o Léo, o filho dele, um vídeo para usar na peça que ele está dirigindo. Essa peça vai estrear agora no teatro Bibi Ferreira. Nesse vídeo vai ter vários personagens: eu fazendo uma mulher chata, a Walderez, a mãe dele, o Marco Rica, vários de nós.

04. Você apresentou por oito anos um popular programa de culinária, o Boca do Forno, que depois virou À Moda da Casa.

Aquilo foi o seguinte. Quando a Tupi fechou em 80, eu tinha feito todas as novelas da Tupi, a Globo convidou todos nós para irmos para o Rio. O diretor da minha agência de publicidade me chamou e perguntou quanto que eu ia ganhar para fazer a novela no Rio. Eu não sabia, mas devia ser uns 2.500, 3000 cruzeiros naquela época para atriz do meu tipo. Ele falou assim: “Você quer ganhar 5000, não ir para o Rio e fazer um programa de culinária para nós?”. Aí eu falei: “Gente, mas como vou fazer um programa de culinária? Não sou professora de culinária.” (rs) e ele disse: “mas você vai, nós vamos ter duas cozinheiras da “Cica” que vão te

orientar”. Gravava uma vez por semana, das 2 às 8 da noite. Levava cinco vestidos, cinco bijuterias, me arrumava e fazia o programa. Nessa época já tinha saído o teleprompter, não tinha nem que decorar as coisas e fiz isso durante 8 anos. As pessoas me consideravam a melhor professora de culinária (rs).

O que você acha dos programas de culinária de hoje?

Olha, têm alguns que eu gosto muito. Ainda curto os programas de culinária. Eu gosto muito do programa da manhã, adoro aquele programa com a Ana Hickmann, o Edu Guedes e o Brito Júnior (Hoje em Dia, da Rede Record). Eu acho muito interessante o modo como ele faz as receitas. Tem gente muito boa. Outro dia saiu um artigo do Zé Simão (colunista da Folha de S. Paulo) assim: “Ah eu vejo esses programas de culinária da televisão, dá uma saudade dos programas da ETTY FRASER” (rs). Aí pensei: “aí vem coisa”. E veio... “Ela abre uma lata de ervilha, abre uma lata de jardineira de legumes, abre uma lata...” (rs) Eu fazia muito merchandising para “Cica”.

05. Você também faz parte da história do cinema brasileiro. No cinema, você participou de mais de 10 filmes.

Mas o único que realmente eu curti mesmo foi o primeiro que hoje é um filme que passa em faculdade, “Em Cada Coração um Punhal”. E “Durval Discos”.

Eu ia falar dele agora.

“Durval Discos” foi uma grande chance que a Anna Muylaer me deu. Engraçado, eu pensei que depois desse filme, fossem surgir outros convites, mas não surgiu. Eu ganhei tanto elogio, tanto. Só surge convite para fazer curta, sem remuneração. A gente acaba fazendo por amizade.

Qual foi a importância desse filme? O que a entusiasmou?

A direção da Anna Muylaer maravilhosa. Ela dirigiu como se fosse teatro. Eu e o Ary França. O Ary é ótimo também, né? Nós dois... a gente se virava... muito bom, muito bom. A Anna foi maravilhosa, as idéias dela, aquela história do cavalo, todo mundo me pergunta sobre essa história.

Você recebeu um prêmio em Recife por causa da atuação no filme, né?

Eu recebi sim. Prêmio não significa nada, mas é gostoso. É um reconhecimento bom, gostei demais de fazer esse filme.

06. Sua mais recente peça foi “Família Muda-se” (2006/2007), uma comédia de Odilon Wagner. Você faz a adorável e desmemoriada tia judia Cecília e na interpretação você utiliza um sotaque (judaico) na composição da sua personagem (“Porque Marcos non casa? Leu já falei tanto pra ele, mas non adianta.”). É muito difícil criar sotaques para que eles não soem falsos?

Não, não, depende do sotaque. Já fiz também mineira, fui casada com mineiro. Alemão, judeu é mais fácil porque é parecido com a língua inglesa. Quando a personagem fala, o sotaque dela não é muito forte. Essa personagem é maravilhosa, é tão maravilhosa, que eu fui convidada para essa peça do Jô Soares agora ("Às Favas com os Escrúpulos"), mas não aceitei, porque adoro essa personagem. Ao mesmo tempo, eu fui convidada para ir ao Rio fazer a dona Benta, mas ficar dois anos fora de São Paulo não dá.

Vocês estenderam a temporada.

Graças a Deus! Agora nós vamos até setembro. Disseram até julho, talvez a gente vá até setembro se der. É tão gostoso fazer esse papel.

Eu adorei.

Uma amiga minha disse assim: "Ai Etty, na novela você fazia uma velhinha biruta, aqui você tá fazendo com Alzheimer e em Arsênico e Alfazema, você era uma velhinha louca". Arsênico e Alfazema eu fiz outro dia para a Rádio Cultura, que está voltando com teatro pela rádio. Aí eu disse a ela: "Nessa altura do campeonato você quer que eu faça a Julieta?" (rs) Não dá, né?

07. Sua carreira não se resume a grandes peças, cinema e novelas, há um lado humanitário. Você, como Plínio Marcos definiu, é campeã em ajudar artistas necessitados.

É porque nós tivemos o advento da AIDS. Chegamos a um ponto, que a gente não saia de enterro, velório de amigos que morriam dessa doença. Daí eu tive a idéia de fazer um brochinho. Esse brochinho é a máscara da tragédia e da comédia, bolado pelo artista Jorge Brandão e eram vendidos nas portas dos teatros. Isso foi antes do governo dar o remédio.

Quando tempo durou?

Foram 10 anos. De 1992 a 2002.

08. Como você acompanhou as várias fases do teatro, do cinema e da televisão brasileira, você pode dizer quais as mudanças que ocorreram nesses veículos de entretenimento se compararmos presente/passado?

É tão difícil. Primeiro que no passado, quando eu comecei a fazer teatro tinha 4 ou 5 teatros. Cias estáveis tinha Maria Della Costa, o Sérgio Cardoso e o TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), Cacilda Becker, aí veio o Oficina e o Arena. A Escola de Arte Dramática só foi fundada em 48. Éramos poucos atores e poucos teatros. De repente houve uma enxurrada de escolas de teatro. Atores se formando e não tendo onde trabalhar. Qualquer lugar virou teatro. Esses dias eu estava lendo na revistinha "Off" tinha umas 80 peças em cartaz. A mudança que teve foi essa. O campo de trabalho de expandiu. Hoje em dia, vou te explicar, se você resolve produzir uma peça, você tem que ter um ator da Globo. Tendo um ator da Globo você tem quem patrocine seu projeto. Se você simplesmente for um ator de teatro bom, não significa nada. A televisão... tinha a Tupi em primeiro lugar, tinha a Manchete, Globo. As novelas que a Tupi fazia, novelas do Geraldo Vieter eram novelas muito naturalistas, depois que começaram a passar só no Rio de Janeiro. Hoje há um excesso de Rio de Janeiro. Você vê que agora fazem novelas em cidades do interior e funciona tão bem. Os costumes, as pessoas, os jovens

mudaram, né? Então a televisão foi mudando de acordo com as mudanças que aconteceram. Foram normais.

09. Você acha que as pessoas perderam a paixão pelo teatro?

Não é que perderam a paixão, a maioria dos atores jovens, que vem conversar com você, falar sobre teu passado, eu digo que eles precisam começar pelo teatro. Teatro é a coisa mais importante, o resto é supérfluo. Eles não querem, eles querem ser capa de revista. Você conta alguns que são bons atores, você vê que esses vão adiante, porque outros, são bons atores de televisão. O teatro é a base de tudo. O jovem que quer começar tem que ser através do teatro e eles não querem, querem começar logo pela televisão.

Seria o "comércio da vaidade".

É, exatamente.

10. Uma mensagem para os frequentadores do site "Poucas e Boas da Mari."

Quando o jovem pretende ser ator, pretende ingressar nessa carreira, ele deve mirar em exemplos de grandes atores, de como esses atores chegaram lá, em tudo que eles tiveram que fazer. É uma coisa que não pode ser, como se diria em um bom português, "nas coxas". Não pode. É uma coisa que tem que ser feita pra valer. É o amor pelo teatro, é uma coisa que quando você sobe naquele palco você esquece da vida, você entra em outra vida.